

## O ENSINO DA ORALIDADE PARA ALUNOS COM TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE - (TDAH)

Débora de Lima Nunes<sup>1</sup>

Luciana Vieira Alves Rocha<sup>2</sup>

### RESUMO

Partindo do entendimento que existem muitos déficits que afetam a aprendizagem dos alunos, esse trabalho se detém ao problema do ensino da oralidade para alunos que tem Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Pensando na problemática do trabalho com a modalidade oral, objetivamos com essa pesquisa abordar o que dizem os documentos oficiais e a literatura já publicada sobre o ensino da oralidade a partir de práticas já realizadas com alunos com TDHA. Para isso, a presente pesquisa de caráter descritivo é elaborada através da revisão bibliográfica de documentos legislativos e trabalhos publicados, tomando por base os estudos de Aranha (2004), Bakhtin (2000), Dolz, Schneuwly (2004), Ferreira (2009), Gonalves (2016), Haller (2004), Marcushi (2008), PCNs (2000). Através desse estudo foi possível identificar a necessidade da escola inclusiva desenvolver atividades para o aluno com TDAH que trabalhe a oralidade, além de observarmos a ausência de estudos que coloque em foco o ensino dessa modalidade para alunos com déficits. Diante disso, também evidenciamos o papel dos professores e das práticas pedagógicas, a fim de conscientizar todos os profissionais da educação da importante missão que a escola possui na construção para vida social. Com isso, esse artigo irá contribuir, a princípio, para levar os leitores a uma reflexão da necessidade do ensino da oralidade, voltada para estudantes com déficit na aprendizagem. E por fim, servirá de base para pesquisas e estudos de professores e as práticas de ensino, assim, como também para alunos de instituições superiores de licenciatura que se interessem pelo ensino da oralidade para alunos com déficits.

**Palavras-chave:** Alunos, TDAH, Ensino da oralidade, Escola inclusiva.

### INTRODUÇÃO

É inato ao ser humano, a capacidade de se comunicar através da fala desde criança e, por esse motivo, a linguagem falada é a primeira a ser dominada e se manifesta em todas as situações do cotidiano, sendo “uma atividade muito mais central do que a escrita, no dia-a-dia da maioria das pessoas [...]” (MARCUSCHI, 2001, p.19). No âmbito da educação formal os

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras com Habilitação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba - (UEPB), deboradelimanunes@gmail.com;

<sup>2</sup> Mestre em linguagem e ensino pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, lucianavieiracg@hotmail.com.

Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 2000) enfatizam o ensino dessa modalidade de linguagem, sugerindo que a escola deve instruir o discente em relação as diversas situações comunicativas.

Em contrapartida, ao analisar a realidade educacional, percebe-se que as práticas de ensino, ainda são pouco recorrentes relacionadas a essa modalidade oral em escolas, principalmente quando se trata de alunos com déficit de aprendizagem, visto que, na maioria dos casos o ensino da escrita é mais usual e praticado se comparado ao ensino da oralidade, acarretando ainda mais a falta de desenvoltura oral desses alunos com transtornos.

Está previsto no artigo 205 da constituição Federal de 1998 a educação como direito de todos, para assim, garantir pleno desenvolvimento da pessoa, também o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Também está previsto na Lei Brasileira de Inclusão de pessoa com déficits nos meios sociais, como em salas de aulas para que elas obtenham uma educação de qualidade. Para isso é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar esse direito.

Nesse sentido, quando o contexto escolar é observado, nota-se que há uma diversidade de alunos. Por esse motivo, é comum o professor se deparar com alunos que são portadores de Transtorno como o Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), problemas neurológicos, gagueira, dislalia, entre outros, que interferem em sua aprendizagem. Como resultado, eles não acompanham o ritmo dos alunos que não possuem esses déficits. Sendo preciso a escola desenvolver um ensino especializado e inclusivo para atender as necessidades de aprendizagem desses alunos. Por isso, é de extrema importância que se desenvolvam pesquisas que aprimorem práticas de ensino para alunos com déficits de aprendizagem, utilizando metodologias e didáticas que não se detenham somente ao ensino da escrita, mais também, da oralidade.

Partindo da ideia de que existe muitos déficits que afetam a aprendizagem dos alunos, esse trabalho se detêm ao problema do ensino da oralidade para alunos que tem TDAH. Nesse contexto que visa problematizar o ensino da oralidade para esses alunos, surgiu o seguinte questionamento: como ensinar a oralidade para alunos do ensino fundamental II, com faixa etária de 10- 14 anos, que possui déficit de aprendizagem? Para responder ao questionamento delineamos o seguinte objetivo: abordar o que dizem os documentos oficiais e a literatura já publicada sobre o ensino da oralidade a partir de práticas já realizadas com alunos com TDHA.

A presente pesquisa de caráter descritivo parte de um estudo bibliográfico e documental, visto que traz reflexões acerca do ensino da oralidade com base em estudos já publicados e documentos oficiais da educação no Brasil. Para isso, nos embasamos teoricamente nos estudos de: Aranha (2004), Bakhtin (2000), Bakhtin (1979), Barbosa (2014), Dolz, Schneuwly (2004),

Ferreira (2009), Gonsalves (2016), Haller (2004), Marcushi (2008), Marcushi (2010), PCNs (1997), PCNs (2000), Ross e Rodrigues (2009), Silva (1997).

Ao ler e observar os documentos e a literatura publicada ficou perceptível a ausência de estudos que coloque em foco o ensino da modalidade oral para alunos com TDAH. Dessa forma, o presente artigo, pretende contribuir para futuras pesquisas, a partir das reflexões teóricas realizadas, sendo apenas o início, podendo transformar-se em uma pesquisa mais ampla.

O artigo está organizado nos seguintes tópicos, além desta Introdução, Desenvolvimento que se divide em três sub tópicos: o primeiro sub tópico trata da *Educação inclusiva: o direito a aprendizagem para alunos com TDAH*; o segundo aborda *Diferentes concepções de oralidade e suas implicações para alunos que têm TDAH*; e o terceiro e último sub tópico é intitulado *O ensino da oralidade para discente com TDHA*. Por fim, apresentamos as Considerações finais e Referências.

## DESENVOLVIMENTO

- **Educação Inclusiva: o direito a aprendizagem para alunos com TDHA.**

Crianças com TDAH, apresentam dificuldade para seguir instrução de alguém, geralmente não aceitam críticas, e são violentas, como consequência, possuem dificuldades para se relacionar com outras crianças e de dialogar. Por esse motivo, é necessário trabalhar a oralidade com essas crianças através de gêneros orais, atividades de interpretação, como também a leitura. Para isso, é interessante ter também uma educação inclusiva, que desenvolva a escrita, mas com a mesma intensidade a oralidade.

A educação inclusiva começou a ter vigor através da lei de 2008 por meio da política nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva. Essa lei prevê o respeito e a inclusão de todos alunos com necessidades especiais, atendendo-os no contra turno, obtendo assim, o papel complementar.

Tendo em mente que no contexto escolar o professor deve dar assistência a todos os alunos, sendo educação inclusiva como evidencia Aranha (2004) é baseada no reconhecimento, respeito a diversidade de alunos, com qualidade pedagógica. Pois, como está prevista na Declaração universal dos Direitos Humanos em 1948, no artigo XXVI, “Toda pessoa tem

direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais[...].”

No entanto, Reis (2017) expõe que a legislação necessita esclarecer que essas crianças com TDAH deveriam estar incluídas nesse contexto de educação especial. Porque,

O TDAH não é incluído no grupo da Educação Especial, pois considera-se que essas crianças têm condições de aprender como as outras. Deste modo, estas crianças acabam sendo prejudicadas, uma vez que necessitam de uma atenção maior que a professora da sala regular, sozinha, não pode oferecer devido ao fato de precisar atender as todas às diversidades da sala. (REIS. 2017, p. 15)

Portanto, fica evidente o quanto é necessário ter uma escola inclusiva que desenvolva métodos pedagógicos pensando nesses alunos com TDAH. Dessa forma, para que a escola obtenha um maior êxito, em relação ao desenvolvimento do aluno, ela deverá agir em conjunto com os pais, isto é, todos que tem contato direto ou indireto com a criança com TDAH. Como mostra Aranha (2004, p. 22-23) “O fato de o compromisso político estar explícito e formalmente firmado junto ao Conselho da Escola, proporciona maior direcionamento às ações da administração escolar, da equipe técnica, dos educadores, das famílias e comunidade, de maneira geral”.

- **Diferentes concepções de oralidade e suas implicações para alunos que têm TDAH**

A oralidade é a principal modalidade de comunicação utilizada pelos humanos. Muito antes do surgimento da escrita, todos os conhecimentos eram transmitidos oralmente, dessa forma, foi por muito tempo o único instrumento que transmite o conhecimento armazenado na memória humana. Na sociedade atual, percebemos que outras modalidades como a escrita foram aprendidas e transmitidas por gerações, ficando nítido o seu destaque no meio social, pois o domínio dela está estreitamente ligado com o poder e status que é reforçado pela escola que desenvolve muito mais práticas de ensino da escrita, do que da oralidade.

Sobre essas duas modalidades o teórico Marcushi (2010) mostra que ambas são práticas sociais, e são usadas pelos indivíduos, apesar que com os anos tem se dado mais importância ao letramento, ou seja, a escrita, pela sociedade moderna por acreditar que os alunos já vão para a escola sabendo falar, usar a oralidade e que, por isso, deveria se priorizar o ensino da escrita, dessa forma, colocando a oralidade como secundária. Para explicar isso o Marcushi (2010) discorre sobre essas duas modalidades:

A **oralidade**, seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresentam sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade

sonora: ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. Uma sociedade pode ser totalmente oral ou de oralidade secundária, [...] nós brasileiros, por exemplo, seríamos hoje um povo de oralidade secundária, tendo em vista o intenso uso da escrita neste país.

O **letramento**, por sua vez, envolve as mais diversas práticas da escrita (nas suas variadas formas) na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita. [...] Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita. (MARCUSCHI, 2010, p. 25)

Nesse sentido, sabe-se que no cotidiano é necessário, as pessoas verbalizarem valores, vivências, ideias e posicionamentos. Assim, é dever da escola ampliar o acesso do aluno ao ensino da modalidade oral da língua, para que ocorra uma valorização das práticas discursivas orais em sala de aula. Como está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) “cabe à escola ensinar a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas” (PCNs, 2000, p. 32).

A escola, na verdade, não dá tanta atenção a oralidade, mesmo que essa seja muito usada no dia a dia dos alunos, como enfatiza (MARCUSCHI 2001, p. 19), “a fala é uma atividade muito mais central do que a escrita, no dia-a-dia da maioria das pessoas. Assim, as instituições escolares lhe dão atenção quase inversa à sua centralidade na relação com a escrita”. Para reverter isso, cabe a escola ensinar o discente a usar o oral nas diversas situações comunicativas para que ele possa dominar as manifestações da oralidade no meio social. Por exemplo, quando o indivíduo é solicitado para expressar verbalmente sobre determinado assunto ele pode optar por fazer o uso da palavra de maneira mais informal - conversas do cotidiano, ou também como no sentido mais complexo e formal - discursos e palestras.

Portanto, a língua (gem) é usada para que haja a comunicação com o outro, nos diversos contextos de uso, dessa forma, Bakhtin (2000) demonstra que a língua materna não é apreendida na gramática e nem nos dicionários, mas, por meio de enunciados que são ouvidos em diálogos do falante, assim, para ter a língua oral, o falante não depende da escrita, porque mesmo que ele fale não significa que saiba escrever.

Nesse sentido, Vygotsky (1978 apud FERREIRA 2009, p. 3) demonstra que as relações sociais e trocas comunicativas entre falantes são responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem. Dessa forma, também podemos considerar as palavras de (BAKHTIN 1995, p. 113), quando menciona sobre interação verbal: “Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém”. Isto é, toda comunicação se dá através da interação entre os indivíduos, ninguém se comunica sozinho, pois quando falamos ou escrevemos, nós fazemos isso direcionando a alguém.

Nessa perspectiva, espera-se que o ensino da oralidade na escola também por estar nos PCNs (2000), que fermenta a ideia que o ensino dessa modalidade nas escolares deva levar em consideração os vários contextos comunicativos, seja mais trabalhada, preparando o discente para falar em público e não somente prepara-lo para atividades escolares. Mas na realidade essa modalidade não é trabalhada e quando é usada é de maneira superficial.

Além disso, a abordagem da oralidade no contexto de sala de aula, reflete a concepção que o docente tem sobre o que é a modalidade oral. Com base nisso, Dolz e Schneuwly (2004) e Gonçalves (2016), abordam quatro concepções de oralidade e suas implicações para o ensino. A primeira concepção é a de *oral espontaneísta*, caracterizada pelo uso da fala improvisada, sendo entendida por alguns professores como modalidade linguística que o aluno pode expressar-se de maneira espontânea compartilhando ideias não-sistematizadas, essa concepção classifica a oralidade como o lugar da informalidade.

A segunda é a concepção do *oral como suporte para ensino de conteúdos escolares*, ou seja, se efetiva “pela recorrência do oral na transmissão dos assuntos e conteúdos escolares. Serve de [...] apoio na realização das atividades, frente à ausência do domínio do código escrito pelos alunos no processo de escolarização” (GONSALVES, 2016, p.48), dessa forma, o foco dessa modalidade está no passar conteúdos, não no ensino e uso linguístico, com isso desconsidera o ensino da oralidade em suas diversas práticas no contexto social, consistindo na costumeira prática de perguntas e respostas dos conteúdos.

A terceira concepção é a de *oralização da escrita*, que segundo Schneuwly (2004) é a leitura em voz alta de textos escritos e o uso da fala mais próxima da escrita, assim, a oralidade é usada como pretexto para se trabalhar o código escrito. A quarta e última concepção, é a *oral como modalidade linguística* que se fundamenta no ensino da oralidade a partir de gêneros orais, assim, como expõe (GONSALVES, 2016, p.49), “buscando desenvolver nos educandos o domínio sobre as práticas lingüísticodiscursivas escolares e extraescolares”, portanto é a concepção em que o ensino da oralidade não se limita somente na fala, mas também nos recursos lingüísticos não verbais durante a fala, como: postura, gestos, expressão facial.

Como vimos, essas concepções podem influenciar as práticas pedagógicas dos professores e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos com TDAH, pois eles geralmente apresentam dificuldades para se comunicarem ou mesmo se expressarem. Com tudo, é importante explicitar que as mesmas práticas de ensino que funcionam para os alunos que não possuem esse tipo de transtorno, também podem ou não funcionar para discentes com TDAH, sendo preciso fazer algumas adaptações.

É importante enfatizar também que alunos com TDAH apresentam transtorno, não é uma deficiência, e sim um distúrbio do neurodesenvolvimento infantil, e que pode persistir ao longo da vida. Se trata de uma disfunção neurológica do córtex pré-frontal, graças, em parte, a uma deficiência do transmissor Dopamina. Devido a estes acontecimentos os sintomas são evidentes quando as crianças com TDAH são exigidas a concentrarem-se em suas atividades escolares, como por exemplo: cópia de uma atividade, recortes e colagens, ouvir uma história, entre outras, geralmente não conseguem concluir nenhuma das atividades até o final. Com isso,

há três problemas primários no TDAH: dificuldade para manter a atenção, pouco controle ou inibição dos impulsos (impulsividade) e atividade excessiva (hiperatividade), que resultam em atraso no desenvolvimento da inibição de comportamento, que é o problema central do transtorno[...] (ROSSI e RODRIGUES 2009, p.201).

Segundo dados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 912 mil crianças brasileiras de 5 a 12 anos têm TDAH, mas não tratam e outras, cerca de 25 mil menores não sabem que tem a doença, isso é alarmante, pois sem o diagnóstico e o tratamento, como evidência (REIS 2017, p. 2), “[...] essas dificuldades tendem a comprometer a aprendizagem significativa e o relacionamento social do aluno, aspectos importantes para o seu desenvolvimento integral enquanto cidadão[...]”.

Nesse sentido, os professores necessitam de formação especializada concedidas pela secretária de educação para que os docentes possam identificar esses déficits em seus discentes para redigir aulas que haja aprendizagem na escrita de igual modo na oralidade, mesmo diante da escassez em relação a teorias que apresentem modos didáticos para o ensino da oralidade para esse público. É importante evidenciar que a partir do diagnóstico do TDAH, o sucesso da aprendizagem e tratamento do aluno acontece através da participação das pessoas que estão a sua volta.

Em síntese, é vantajoso pontuar que essa pesquisa não tem respostas certas para todas as questões que pontuo nesse trabalho, mas traz uma reflexão sobre as dificuldades que esses alunos têm em se expressarem oralmente e da necessidade que os docentes tem em desenvolver práticas de ensino que os envolvam nesse contexto de uso da oralidade.

- **O ensino da oralidade para discente com TDAH**

A partir da problemática dessa pesquisa esse sub tópico traz possibilidades do que a princípio devem ser feitas para o ensino da oralidade para alunos com TDAH. Levando em consideração que a escola é caracterizada pela diversidade de discentes, e nos últimos anos, o

crescimento do número de alunos com dificuldade de aprendizagem nessas instituições educativas tem aumentado, sendo que a maioria dessas escolas não estão preparadas o suficiente para inclusão deles, é preciso ter discursões e reflexões sobre o processo de educação inclusiva.

Visto que, os profissionais da educação encontram dificuldades para trabalhar com alunos com TDAH, seja pela formação insuficiente, seja pelos recursos pedagógicos. Essas dificuldades comprometem a aprendizagem e o relacionamento social do aluno com o professor e com os demais colegas de classe. Por esse motivo, Reis (2017) expõe que os professores precisam conhecer sobre o TDAH e métodos de ensino da oralidade. Para isso, a escola junto com a secretária de educação deve lançar projetos voltados para os docentes que tenha palestras com psicólogo, psiquiatra e neurologista para esclarecer sobre o transtorno em questão. Sendo necessário que os cursos de formação inicial e continuada ofertem componentes curriculares que trabalhem esse tema da inclusão e instrumentalize esses docentes para o trabalho com alunos que possuam transtornos como o TDHA.

Dessa forma, os cursos de formação docente voltados para o esclarecimento sobre TDAH é viável, pois irá contribuir com eficácia para o ensino da oralidade. Assim, os professores podem aperfeiçoar suas técnicas de organização de estudo, pois normalmente crianças e adolescentes apresentam dificuldade para se organizar e planejar os estudos, se esses estudantes tiverem TDAH é ainda maior. Portanto, o docente pode exercer um papel muito importante no estabelecimento de técnicas de organização para favorecer o estudo em casa.

Assim, esse artigo não tem o intuito de propor uma receita, mas problematizar o ensino e abordar práticas que podem auxiliar professores e alunos, por exemplo, partir do trabalho efetivo com os gêneros orais, trabalhar as etapas de planejamento e construção desses gêneros com os alunos, levando em consideração os limites que eles apresentam na abordagem desses gêneros em sala de aula. Propor atividades diversas, de escuta, observação, anotação de informações que auxiliam esses alunos a compreender os gêneros e incentivá-los.

Além disso, o professor deve questionar sobre dúvidas em sala de aula, isto ajudará na assimilação de conceitos e favorecerá a atenção do aluno com déficits. O docente também pode estimular e elogiar os portadores de TDAH, que comumente apresentam baixa autoestima, pois estão constantemente recebendo críticas, podendo se tornar desestimulados com a escola. Elogiando e estimulando seu esforço, o aluno se sentirá valorizado. Nesse interim, o educador também pode dividir trabalhos por partes que pode ser uma grande estratégia para facilitar a resolução e a conclusão de atividades, tornando o trabalho menos exaustivo.

É importante o docente ter conhecimento sobre os transtornos comportamentais para ser assertivo em suas colocações, evitando críticas duras, mas caso a crítica seja necessária, é

preciso conversar separadamente com o aluno para evitar expor suas dificuldades acadêmicas e comportamentais aos outros estudantes.

Uma outra ação docente pertinente para o trabalho com alunos com TDHA seria o estímulo a leitura, utilizando textos curtos mais que chamem atenção dos discentes com desenhos, por exemplo. Além de estimular o aluno com TDAH a participar em trabalhos coletivos, ademais o professor pode fazer um círculo na sala de aula e ler um livro ou um texto, depois fazer uma discussão reflexiva e crítica do que foi lido, para isso, pode perguntar para cada aluno o que achou sobre a estória.

Além disso, o docente pode trazer brincadeiras para estimular a socialização. Todas essas práticas e atividades abordadas são sugestões e estratégias para se desenvolver um trabalho mais efetivo com esses alunos, ou seja, são ferramentas, que melhoraram a autoestima, além de ensinar sobre a importância do trabalho em equipe, do respeito às regras, de seguir uma hierarquia de comando e de respeitar a autoridade do professor.

Dessa forma, percebe-se que o ensino e aprendizagem tem uma relação estreita com a formação do professor, visto que muitos cursos de licenciatura focalizam a teoria, sendo que é na prática que consiste os empasses, por esse motivo, focalizar na formação em teoria-prática é proveitoso, pois possibilita o desenvolvimento de competências no professor que agiliza a aprendizagem integral do aluno. Por esse motivo, é

[...] necessário que o professor saiba detectar o potencial do educando, explorando-o ao máximo, a fim de atender as suas necessidades e respeitar suas limitações. Desta forma, o professor passa a exercer sua função primordial que é a formação integral do ser humano. (SILVA 1999, P.28)

Com isso é vantajoso que o professor atente para as dificuldades dos alunos para desenvolver estratégias no intuito de suprir as dificuldades apresentadas pelos discentes, respeitando os seus limites, assim esse docente pode trabalhar o ensino da oralidade a partir de métodos que chamem a atenção do aluno com TDHA, como leituras em voz alta: algumas crianças tendem a aprender melhor ao lerem em voz alta ou quando escutam outra pessoa lendo.

Pensando nisso, vale incluir livros de áudio nos planos de aula para variar as atividades e atrair a atenção para a história contada. O teatro: crianças distraídas podem passar a aula toda desenhando personagens ou imaginando situações que não têm a ver com o conteúdo abordado. Logo, o professor pode abrir alguns espaços para que os alunos explorem a criatividade e compartilhem o que estão sentindo.

Além disso, o professor pode trabalhar apresentação oral, por meio, de um assunto que chame a atenção dos alunos, para isso, o docente pode deixar em aberto a escolha da temática, assim os discentes, principalmente, o aluno com déficits irá fazer algo que ele sinta prazer em

apresentar para a turma, posteriormente, o professor pode trazer outros gêneros orais para trabalhar também outras temáticas em sala de aula, pensando no interesse desses alunos com TDAH.

Portanto, o docente não deve se limitar somente a leitura e escrita, que podem ser usados a princípio, mas ao decorrer do tempo inserir em sala de aula o uso dos gêneros orais e sua respectiva adequação aos contextos sociais. Contudo, essas ações cumprem com o que diz Reis (2017, p. 16) “aceitar, respeitar e oferecer condições pedagógicas que atendam as especificidades de cada aluno, permitindo a construção do próprio conhecimento através de uma educação justa, igualitária e amorosa, na qual o aluno se sinta à vontade e não diferente dos outros”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A oralidade é o principal meio de comunicação entre os humanos, mas percebemos que o seu ensino nas escolas se apresentam por meio de metodologias que mudam de acordo com a concepção adotada pelo docente, dessa forma, o trabalho com a oralidade é pouco abordado em sala de aula, como resultado há alunos que apresentam dificuldades para expressarem-se e se adequarem oralmente aos contextos sociais.

Através desse estudo, foi possível problematizarmos o ensino-aprendizagem de alunos com TDHA e apontarmos estratégias para a inclusão desses discentes na escola e em práticas efetivas de uso da linguagem oral, também apontar qual seria o papel do professor para favorecer a aprendizagem e a inclusão de forma bem sucinta, a partir do que já foi exposto. A fim de conscientizar os profissionais da educação da importante missão que a escola possui na construção para vida social.

Esse levantamento preliminar que foi feito, aqui, pode servir de base para futuras pesquisas que pretendem não apenas evidenciar as dificuldades, mas partir delas para propor soluções e estratégias de ensino. Com isso, esse trabalho pretende contribuir como material de consulta para futuras pesquisas, como também almeja trazer reflexões acerca da necessidade de investimentos dos cursos de formação inicial e continuada para o trabalho com alunos que possuem déficit como o TDHA, bem como instigar professores e pesquisadores a desenvolverem estratégias pedagógicas para o trabalho efetivo com a modalidade oral em sala de aula para alunos com TDAH.

## **REFERÊNCIAS**

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Editora Ucitec, São Paulo, 1979.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. De Maria E.G.G. Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

BARBOSA, Karine de Sousa. **Problemas de fala, escrita e leitura**. Ceará, Recanto das letras, 2014. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-educacao/4814902>. Acesso em: 15, out. 2018.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **PCNs – Língua portuguesa**. Brasília – DF. MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acesso em: 14, out. 2018.

Educação Inclusiva: v. 3: a escola/coordenação geral SEESP/MEC ; organização Maria Saleté Fábio Aranha – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004. Disponível em: <https://docplayer.com.br/423910-Ministerio-da-educacao-secretaria-de-educacao-especial-educacao-inclusiva-a-escola.html>. Acesso em: 15, out. 2018.

FERREIRA, Rejane Maria de Araújo. **O ensino da oralidade para pessoas portadoras de deficiência Mental**: Relato de uma experiência. João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://slidex.tips/download/o-ensino-da-oralidade-para-pessoas-portadoras-de-deficiencia-mental-relato-de-um>. Acesso em: 14, out. 2018.

GONSALVES, Evany. **Agir docente no ensino dos gêneros orais**: cenas de formação e de atuação em sala de aula. 2016. Dissertação (Mestre em Linguagem e Ensino) - Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande. Disponível em: <https://portal.ufcg.edu.br/pos-graduacao/cursos-pos/854-programa-de-pos-graduacao-em-linguagem-e-ensino.html>. Acesso em: 15, out. 2018.

LAFER, Cardoso. **Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)**. In: História da paz. São Paulo: 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 9ª edição – São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, Adriano. No país, 625 mil crianças com déficit de atenção não são diagnosticadas. G1. Globo. com São Paulo, n. 17 nov. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2012/11/no-pais-625-mil-criancas-com-deficit-de-atencao-nao-sao-diagnosticadas.html>. Acesso em: 15, out. 2018.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, vol. 2 – Língua Portuguesa 2ª edição. Rio de Janeiro: DJPA, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 15, out. 2018.

SAVIANI, D. **A nova lei da educação – LDB**: trajetória, limites e perspectivas. Campinas: Autores Associados, 1998.

SILVA, Maria Cecília. **Aprendizagem e problemas**. São Paulo: Ícone, 1997.

SCHNEUWLY, Bernard. Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da linguagem oral. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim (Orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução ROJO, Roxane; CORDEIRO, Glaís Sales. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004: 129-147.

REIS, Elisa; VICENTE, Eulália; BONINSENHA, Swetlâna; TELAU, Roberto. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH): o olhar atento ao professor a suas práticas pedagógicas**. Castelo Branco Científica. 2017, n° 12 p.19-38. Disponível em: <http://www.castelobrancocientifica.com.br/img.content/artigos/artigo158.pdf>. Acesso em: 15, out. 2018.

ROSSI, Liene Regina e RODRIGUES, Olga Maria Piazzetin Rolim. **Concepções dos professores do ensino no fundamental sobre TDAH**. Editora unesp, 2009.